



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO X - Nº 164 - 2ª QUINZENA DE DEZEMBRO DE 1998 - R\$ 1,00

**Burocracia impõe acordo traidor na Volks. CUT se une à FIESP no chamado "pacto pela produção e emprego". Os deputados do PT negociam no Congresso a aprovação das reformas do governo (previdência e filatóricas). Líder do MST elogia o reacionário ACM e lhe chama de aliado. Os reformistas chamam as massas a apoiar os capitalistas descontentes. Estes negociam com as outras frações que apóiam o governo no campo fixado pelo imperialismo. Ou seja, colocam-se pela preservação do parasitismo do capital financeiro, discutem apenas o que deve ser cortado e como repartir as sobras. Se o movimento seguir esse caminho acabará derrotado. Os trabalhadores, camponeses e estudantes devem é confiar em suas próprias forças, utilizar seus próprios métodos de luta!**

**NÃO À CONCILIAÇÃO DE CLASSES!**

**NADA DE FRENTE COM OS**

**CAPITALISTAS DESCONTENTES!**

**ORGANIZAR A LUTA NACIONAL DE MASSA**

**PARA DERRUBAR O PACOTE FHC/FMI!**

**ORGANIZAR A GREVE GERAL!**

**TODO APOIO AO IRAQUE!**

**FORA O IMPERIALISMO**

**DO ORIENTE MÉDIO!**

**FRENTE ÚNICA**

**ANTIIMPERIALISTA!**

# Quinzena de Luta do Movimento Operário

**Ford anuncia demissão em massa e sindicato limita-se a reclamar que não foi notificado**

A Ford anunciou que demitirá 2.800 operários na unidade de São Bernardo, o que corresponde a 43% do seu efetivo. Para evitar qualquer tipo de manifestação, os trabalhadores estão recebendo em casa a notícia de que serão demitidos. Segundo a montadora, o corte só não foi feito antes devido ao compromisso feito com o governo para não demitir antes das eleições, o que comprometeria a reeleição de FHC. GM, Mercedes e VW, que também assinaram o acordo, utilizaram-se do chamado 'programa de demissões voluntárias', pondo na rua 3.500 trabalhadores. A Ford, por esse método, demitiu 202. Cumprido o acordo, com FHC reeleito, a montadora disse que não há mais motivos para manter as medidas até então adotadas (redução de jornada, férias coletivas, licença remunerada etc) e que é hora de demitir em massa, sem problemas. Descaradamente, e como se não soubesse de nada, a direção do sindicato se disse 'chocada' com a notícia e correu aos pés dos patrões implorando clemência para que estes pelo menos esperem passar o 'período natalino e de ano novo' para que os trabalhadores possam passar 'as festas' tranquilos. A seguir, Luiz Marinho foi aos jornais dizendo que não há nada a fazer. Não admitimos redução de salários, nem retirada de conquistas dos trabalhadores, muito menos demissões. Rechaçamos a posição de traição da direção do sindicato e chamamos os trabalhadores a levantarem a bandeira da ESCALA MÓVEL DE SALÁRIOS, o que significa dividir as horas de trabalho existentes entre todos os trabalhadores, sem redução salarial.

**Condutores rechaçam parcelamento do 13º salário e decidem entrar em greve novamente**

Os donos das empresas de ônibus de São Paulo continuam firmes em seu objetivo de atacar cada vez mais os salários dos trabalhadores. Com a desculpa esfarrapada de que estão sem dinheiro, atrasam constantemente o pagamento de salários. Agora estão querendo botar goela abaixo dos trabalhadores o pagamento do salário em prestações. Querem parcelar o 13º salário e até o vale-refeição. Dessa forma, os patrões garantem o seu lucro, fazendo com que os trabalhadores mantenham a sua força de trabalho, alimentando-se o mínimo possível, e parceladamente. Os trabalhadores rechaçaram o ataque e decidiram novamente pela greve (já haviam parado na semana anterior), a partir de 21/12. Agora resta saber se o Sindicato levará essa luta até o fim, ou se continuará optando por paralisações parciais. Sabemos perfeitamente que esse tipo de movimento parcial não surte nenhum efeito junto aos patrões, pelo menos em benefício dos trabalhadores. Muito pelo contrário, o que observamos é que os patrões utilizam os trabalhadores, nessas circunstâncias, para obter alguma vantagem. No caso dos condutores, querem pressionar a prefeitura para que esta pague sua dívida junto aos patrões. Os trabalhadores devem ficar de olho na direção do sindicato e cobrar uma postura combativa por parte desta. Só assim poderão levar a greve à vitória, barrando as demissões e obrigando os patrões a pagar o que devem.

**Trabalhadores ocupam torre da Manchete e tiram emissora do ar**

Os donos da TV Manchete se negam a pagar os salários dos trabalhadores, que já estão atrasados há mais de três meses. Em função do atraso, os funcionários da emissora também estão fazendo greve desde outubro, para obrigar o patrão caloteiro a quitar sua dívida. Com a indiferença patronal e já sem dinheiro para comer, os trabalhadores radicalizaram o movimento e decidiram pela ocupação da torre da emissora, no Sumaré/SP, interrompendo a transmissão normal e colocando no ar cartazes de protestos do tipo 'estamos passando fome'. A idéia dos patrões é, além de não pagar os salários, demitir uma parcela do quadro funcional. Os trabalhadores sabem que a radicalização e o enfrentamento direto fazem os patrões tremerem nas bases. Pois tratam-se de métodos da classe operária e se chocam com os interesses dos capitalistas. Sabem também que o objetivo dos patrões sanguessugas é explorar ao máximo os seus escravos. Porém, os parasitas em

crise já não conseguem sequer sustentar esses escravos. Pois que morram eles e em cima de seus escombros a classe operária erga uma sociedade sem explorados e exploradores, ou seja, a sociedade socialista.

**Sindicato e VW se unem para quebrar disposição de luta dos trabalhadores**

A VW vem ameaçando constantemente demitir em massa nas fábricas de São Bernardo e Taubaté. Com essa ameaça e com a ajuda imprescindível do sindicato, a montadora vem tirando fatias cada vez maiores dos salários dos operários. Em negociações com a direção do sindicato, vem também conseguindo quebrar toda e qualquer disposição de luta dos trabalhadores. Toda vez que a montadora anuncia algum corte, os pelegos correm a chamar assembléias para dizer aos operários que aceitem o ataque e ainda agradeçam por não terem sido demitidos. Recentemente, em assembléia, os trabalhadores negaram aos pelegos carta branca para que os vendidos negociassem com a montadora a retirada de conquistas (redução salarial, parcelamento do 13º, diluição da PLR etc). Porém, na semana seguinte, os traidores se rearticularam, fizeram uma verdadeira campanha de terror junto aos operários (ameaçando com uma lista de 7500 nomes que seriam demitidos antes do natal), chamaram nova assembléia e conseguiram seu objetivo, que é o mesmo da montadora: fazer com que os trabalhadores aceitem quietinhos o ataque desferido pelo patrão. Pelo acordo, os salários serão reduzidos em 15%, e os operários teoricamente trabalharão um dia a menos na semana. Falamos teoricamente porque está em vigor a chamada bolsa de horas de trabalho, que permite aos patrões ampliarem a jornada de trabalho de acordo com suas necessidades, sem ter de pagar hora-extra por isso. A verdade é que a redução é mesmo de salário. E tem mais: os burocratas do sindicato ainda mentiram aos operários dizendo que o acordo garantiria o emprego de todos por 5 anos. Não há nenhuma garantia de emprego. Há apenas uma promessa da empresa em manter o nível de emprego se não houver queda na produção. A arma da demissão pode ser usada tranquilamente pelos patrões. Marinho, o pelegão traidor cara-de-pau não se coloca contra as demissões e diz que 'é preciso um mecanismo mais longo' e que 'um calendário de desligamento' dá mais tranquilidade aos trabalhadores. Como se vê, a meta da montadora é demitir e ao mesmo tempo cortar salários para garantir seu lucro. Quanto aos operários e demais trabalhadores, para evitar as demissões e os ataques dos capitalistas às suas condições de vida, resta se levantarem numa luta unitária, passando por cima da burocracia sindical traidora e organizando a GREVE GERAL POR TEMPO INDETERMINADO.

NACIONAL



# O que significa o encontro de Lula com FHC

Destacou-se nos noticiários o encontro de Lula com FHC. Leonel Brizola, do PDT, ficou surpreso com o fato. Reclamou por não ter sido consultado, uma vez que faz parte da frente de oposição. Como se vê, o PT pretende ter as mãos livres para se aproximar do PSDB. O apoio a Mário Covas, o comparecimento deste num encontro organizado pelo Sindicato Metalúrgico de São Bernardo e as conversas de bastidores com o governo peessedebista são posições favoráveis a uma convergência com esse partido. Depois do encontro, Lula declarou que está disposto a discutir suas posições com o governo federal. E FHC teceu elogios a seu opositor, a quem derrotou em duas eleições.

No mesmo momento em que Lula tomava whisky com FHC, segundo informou a imprensa, os presos políticos condenados pelo seqüestro de Abílio Dinis faziam uma greve de fome há mais de vinte dias. As demissões corriam e correm soltas. A reforma da previdência que impossibilita definitivamente a aposentadoria para uma boa parcela dos explorados avançava etc. etc.

O chefe do PT foi alertar o governo para o perigo de uma convulsão social, caso FHC não mude a política econômica. O ex-líder das greves do ABC, do início de 80, pretende jogar o papel de bombeiro no incêndio capitalista. Considera que é hora dos partidos oficialistas e da minoria opositora negociarem os rumos da crise.

Lula e seus comparsas consideram que a democracia burguesa tem de tomar um novo aspecto. Ou seja, que a maioria, no caso a coligação PSDB/PFL/PMDB, deve levar em conta os pontos de vista da minoria, no caso a coligação PT/PDT/PSB/PCdoB, e assim realizar as reformas de comum acordo. Os dirigentes do PT expõem assim a impotência do reformismo submetido às regras do parlamento e do governo burguês.

O reformismo petista mais uma vez dá um passo em sua integração no Estado burguês, confirmando as análises sistemáticas do POR. Não é por acaso que Covas se dispôs a atribuir algum cargo ao PT; e Antônio C. Magalhães, do PFL, exortou FHC a propor

aos petistas um ministério, secretarias etc. A coalizão governamental sabe que a crise econômica ganhará proporções extraordinárias e que o Plano Real está falido. A luta de classe poderá se agudizar mais do que o previsto e a crise do regime político será inevitável.

Os reformistas do PT e demais partidos da oposição burguesa serão chamados a colaborar com o governo em nome da estabilidade da democracia dos exploradores. O que quer dizer manter a política da CUT de bloqueio das lutas. A conduta do sindicato metalúrgico do ABC de aceitar a redução salarial em troca de limitar as demissões foi um avanço em favor do patronato e da política econômica do governo, que vem impondo entre outras medidas a tal da "flexibilização do trabalho".

Um outro fato que compõe o quadro de colaboração de classe é a união da CUT e Força Sindical com a FIESP para reclamar mudanças na linha recessiva do governo. A corporação patronal (FIESP) precisa das centrais sindicais para pressionar seu próprio governo para baixar as taxas de juro, manter subsídios etc.

A burguesia brasileira sabe que o pior da crise está por vir. As quebras industriais e comerciais ainda não atingiram o ápice. O surto de penetração do capital estrangeiro e a desnacionalização está em pleno curso. E a decomposição mundial do capitalismo aproxima-se do seu centro, que são os Estados Unidos. O avanço inexorável das quebras financeiras, industriais e comerciais nas potências colocará para o Brasil uma situação mais violenta de ataque a vida das massas, tendo à frente o desemprego.

A burguesia teme pela reação da classe operária, até agora complacente com os ataques sistemáticos. Nesse sentido, o governo pretende manter o PT e os sindicatos dirigidos por ele sobre seu garrote. Os estrategistas do Planalto sabem que o reformismo é inofensivo ao capitalismo, mas mesmo assim receiam que as massas possam utilizá-los como canal de mobilização, uma vez que a burocracia petista controla boa parte dos sindicatos.

Está aí por que o governo tem por mira mudar sua relação com o PT,

atraindo-o para compromissos mais viáveis com a governabilidade. Os reformistas já provaram que são importantes para barrar a luta do proletariado, neutralizar os sindicatos e auxiliar a burguesia na difícil tarefa de administrar o capitalismo em decomposição (quebras, desemprego crescente, aumento da fome etc). O imperialismo também tem esta avaliação. A oposição reclama do neoliberalismo, mas acaba colaborando com ele através do bloqueio ao movimento sindical. Como se vê, a visita de Lula faz parte dessa situação política. Trata-se de denunciar implacavelmente o reformismo perante os trabalhadores e defender o programa estratégico da revolução e ditadura proletárias.

## Lula como referência da burguesia

Nas eleições, PCO e outras correntes que se reivindicam do marxismo, da revolução socialista etc chamaram a classe operária a votar em Lula. O argumento era de que este continuava a ser referência para a classe operária. Assim, mais uma vez se prostraram diante da frente popular e do caudilhismo lulista. Toda vez que Lula estende as mãos para a burguesia e seu governo, cresce a responsabilidade das correntes de esquerda que fazem a apologia de que o caudilho aburguesado é referência para a classe operária e chama os oprimidos a nele votar em nome de um governo dos trabalhadores.

Nacional



**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS**

**O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

# O sindicalismo pró-capitalista

No início de 1980, quando as greves operárias voltaram a determinar a situação política, as novas lideranças que despontaram no ABC passaram a apregoar um sindicalismo classista, em contraposição à estrutura pelega montada pela ditadura militar. Era comum ler nas teses da CUT a rejeição ao sindicalismo corporativista da era Vargas e não faltavam críticas à idéia do "pacto social". A palavra "conciliação de classe" recebia todo tipo de ataque.

Assim que a CUT foi tomando forma, os movimentos de oposição ao sindicalismo pelego ganharam projeção. Sindicato após sindicato ia sendo arrancado do controle da burocracia advinda do intervencionismo estatal, inaugurado pelo golpe militar de 1964. A CUT assentava sua organização em regionais de base, nos quais se desenvolvia intensa atividade política. Onde havia uma greve, lá estava uma regional presente. Era comum explodir movimentos e os trabalhadores procurarem a CUT para dar apoio e orientar a greve.

Ao lado desta organização baseada na ação direta, o velho sindicalismo colaboracionista persistia num dos principais sindicatos do país o sindicato metalúrgico de São Paulo. Tratava-se de um sindicalismo claramente corrompido pelo patronato e direcionado a não criar nenhum embaraço ao governo. Essa ala burocrática resistiu à formação da CUT, com apoio dos estalinistas (PCdoB), que só mais tarde migrou para a CUT. Acabou, assim, formando uma outra central (CGT), com o claro intuito divisionista. Mais tarde a burocracia oficialista se dividiu numa disputa de aparato, dando surgimento à Força Sindical, que pas-

sou a reunir a ala mais direitista do sindicalismo. Esta corrente manteve sob seu controle o sindicato metalúrgico de São Paulo.

Na CUT, as principais lideranças, aglutinadas atrás de Lula, foram aos poucos estruturando um poderoso aparato. A ponto deste se articular internacionalmente com o sindicalismo social-democrata (CIOLS), que em sua essência é pró-capitalista e expressa os interesses da burguesia imperialista. Esta burocracia esteve na base da formação do PT, e desenvolveu uma política reformista, ou seja, que coloca os sindicatos e o movimento operário por detrás de teses de reformas do capitalismo, abraçando posições burguesas.

A burocracia sindical reformista não tardou em destruir os focos de resistência à sua política de anular a CUT como instrumento de ação direta e de submetê-la à democracia burguesa. Foi se tornando um braço sindical da política eleitoral-parlamentar do PT. As regionais de base foram liquidadas, os Congressos perderam a representação operária inicial, e cada sindicato cutista passou a agir de acordo com o poder da burocracia corporativista (corrupção econômica, gangsterismo etc).

Ainda que as teses iniciais da CUT não passassem de formalidade, uma vez que as lideranças surgidas em princípios de 80 não expressavam posições revolucionárias (anticapitalistas), davam a noção de que se tratava de um sindicalismo classista, baseado portanto na luta de classe e na recusa ao colaboracionismo, claramente expresso pelo velho burocratismo. Entretanto, conforme a crise capitalista se foi se agudizando, a burocracia reformista foi abandonando até mesmo a formalidade das teses anticolaboracionistas.

Através do PT, formulou-se a tese da "oposição positiva". Que quer dizer, na prática, colaborar com a política de reforma neoliberal (pró-imperialista) do governo. A sua essência consiste na seguinte formulação: "não apenas dizer, não mas também dizer sim".

Tendo em mãos a "oposição positiva", a direção da CUT passou a justificar a política de recusa da ação direta (método da luta de classe), a deformá-la para limitar o choque classista contra a burguesia e passou a admitir a destruição de velhas conquistas do movimento social. Inventou-se a tal da "greve pipoca" e outras versões, cuja função era evitar uma ação coletiva do conjunto da classe. Admitiu a tese da "parceria", que quer dizer ajudar os capitalistas a sair da crise às custas do aumento da exploração. Apoiou-se nas chamadas "câmaras setoriais" para se

aproximar do patronato e dos governos estaduais, defendendo teses administrativas burguesas. Abriu mão de reivindicações da classe operária, como estabilidade no emprego, salário mínimo real, reajustes salariais etc. Colaborou com a implantação da chamada "demissão voluntária", que custou milhares de empregos fechados e que não mais serão reabertos. Passou a fazer uma oposição demagógica às reformas antinacionais e antipopulares de FHC, a ponto de Vicentinho se agachar frente à destruição da previdência. Engoliu a legislação totalitária que impede o real direito de greve (proibição de greve em setores considerados essenciais, poder de intervenção da justiça burguesa etc.)

E agora acaba de submeter o sindicato metalúrgico do ABC à exigência da Volkswagem de reduzir salário. Juntamente com a Força Sindical, a burocracia cutista encampa a "flexibilização do trabalho", medida essa ditada pela burguesia imperialista. E vai mais além: une-se à corporação patronal (FIESP), que congrega o capital mais poderoso, para reivindicar do governo FHC mudanças na política econômica.

Essa trajetória, aqui muito sintetizada, mostra como o reformismo está obrigado a se adaptar aos interesses do capital contra o trabalho. Nesse processo, impulsionado pela crise, está obrigado a assumir posições pró-imperialistas, como a de se curvar frente às reformas neoliberais, a aceitar na prática a "flexibilização do trabalho" etc.

É dever dos revolucionários marxistas combater a burocracia reformista e direitista defendendo o programa do proletariado e seus métodos de luta. A constituição de frações revolucionárias nos sindicatos e na CUT, ligadas às bases e que trabalhem quotidianamente as reivindicações e organização dos movimentos, é a tarefa da situação.

Fora com o "sindicalismo de resultados" que une a burocracia cutista e forcionista contra a luta antiimperialista e anticapitalista dos explorados! Nada de apoio a qualquer fração burguesa em choque com o governo! Fora com a política traidora de reforma do capitalismo! A política classista, revolucionária é a de organizar as greves, formar os comitês de base por todo país, unir operários e camponeses numa frente antiimperialista e anticapitalista, reunir empregados e desempregados num só movimento, pôr em pé sindicatos baseados na democracia operária, com organização nos locais de trabalho, soberania das assembléias e método da ação direta.

Nacional



# Resultado da privatização

A administração da Vale do Rio Doce, uma das maiores empresas de mineração do mundo, estima um lucro líquido de 1 bilhão de Reais para o ano de 98. Um resultado invejável do ponto de vista capitalista.

Mas qual é o interesse de tratarmos desse assunto? O interesse está em demonstrar o resultado da privatização.

A Vale foi vendida por 3 bilhões e meio de Reais. A lucratividade exposta mostra que o governo simplesmente a entregou a capitalistas nacionais consorciados com estrangeiros. Estes intensificaram a exploração do traba-

lho, demitindo e mantendo baixos os salários.

As privatizações são presentes a poderosos grupos econômicos. Não é por acaso que fazem tremenda campanha em favor da desestatização.

A capitulação da burocracia sindical à reforma antinacional e antipopular do governo FHC é, em grande medida, responsável pelo fato dos trabalhadores não reagirem, empunhando a bandeira antiimperialista de defesa das estatais e de controle operário da produção.

## Líder do MST elogia ACM

O economista João Pedro Stédile, da direção nacional do MST, reuniu-se no último dia 10 de dezembro com o presidente do Congresso, o senador do PFL Antônio Carlos Magalhães. Ao final do encontro, Stédile elogiou ACM, chamando-o de "bom aliado". Algumas das frases de Stédile:

"Ele é o único reacionário de esquerda". "Estamos cansados de nos aliar com quem não manda". (Folha de São Paulo)

O elogio a ACM foi pelo compromisso assumido no sentido de se colocar contra os cortes orçamentários na área da reforma agrária.

Stédile está expressando uma tendência geral do PT de se aproximar aos setores do governo e burguesia, para apoiar uma suposta ala progressista contra uma mais radical na defesa das imposições do FMI. Ao afirmar que o reacionário ACM é "de esquerda", o líder do MST mostra que está completamente míope politicamente, não distinguindo o sol da lua.

Quando afirma que está cansado de se aliar com quem não manda, dá um recado à classe operária e demais setores oprimidos. Ou seja, está disposto a se aliar com quem tem o poder e quem tem o poder são os representantes da oligarquia capitalista.

Refresquemos um pouco a memória de Stédile: ACM disse no dia 14 de abril deste ano: "se fosse governo, acabava com o MST e a UDR em um dia só". E que o governo já deveria ter acabado" com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (FSP, 15/04/1998). Esse é o "reacionário de esquerda", que joga uma pequena isca e fisga com facilidade o líder do MST.

Os sem-terra não devem acreditar nas promessas de ACM ou de outro político burguês. Devem é acreditar nas suas próprias forças, no método das ocupações com resistência, marchas e manifestações de rua. E também não devem se aliar com "quem manda" pois são estes os que ordenam os massacres e prisões de lide-

ranças. Os aliados do MST são os que não mandam: a classe operária, os movimentos populares, os estudantes etc.

Para que essa unidade (de luta, não de conciliação com "quem manda") se efetive é preciso construir uma direção que expresse o programa da revolução agrária, da aliança operário-camponesa, da revolução social e governo operário e camponês, uma direção que trabalha incessantemente aplicando a tática da ação direta, separa politicamente os camponeses da classe dominante e a aproxima dos outros oprimidos.

## Sindicato Metalúrgico de São Paulo rebaixa salários de funcionários

O principal sindicato operário do país, dirigido pela reacionária Força Sindical, acaba de impor aos seus funcionários a redução dos salários em 10%, sem redução da jornada. A medida é um retrato de como os pelegos têm ajudado os patrões a fazer contra os operários metalúrgicos nas fábricas (acordos de redução salarial).

A imposição desse acordo miserável ajuda a burocracia a preservar seus privilégios no sindicato e mostra que está mesmo disposta a ajudar o patronato a impor a redução salarial em geral.

A redução de salários é uma necessidade para os capitalistas manterem seus lucros num momento de recessão. Quem paga a conta são os trabalhadores, que acabam cedendo à chantagem patronal (e também dos pelegos), que apresentam a redução

salarial como único meio de evitar as demissões. Esses mentirosos, tão logo conseguem impor os acordos miseráveis de favorecimento aos capitalistas, mantêm as demissões em marcha. Depois de demitidos, os trabalhadores são ainda abandonados pelos sindicatos.

Não será possível preservar o emprego sem uma dura luta contra os capitalistas e o governo. Os acordos de redução de jornada e salários, ao contrário, favorecem as demissões e fortalecem o desemprego. Isto porque são acompanhados de mecanismos de anulação da redução de jornada e extensão da mesma sem limites, como é o caso do malfadado banco de horas, que extingue as horas-extras e sua remuneração diferenciada.

O caminho da defesa do salário e emprego é o da defesa da divisão de

todo trabalho disponível entre os aptos a trabalhar, sem redução de salários (escala móvel das horas de trabalho). Isso só pode ser alcançado com a mobilização contra a superexploração patronal, nunca por meio de acordos pacíficos.

É preciso convocar assembleias em todos os setores, para aprovar resoluções de luta unitária de todas as categorias e de empregados e desempregados para barrar as demissões pela ocupação de fábrica, greve e manifestações de rua.

Nacional



# Todo apoio à greve na IBAF (Campinas)

A disposição de luta dos trabalhadores está sendo confirmada pela mobilização operária metalúrgica em Campinas. Na IBAF Correntes Industriais, desde o dia 15 de dezembro, os operários entraram em greve e ocuparam a fábrica. O motivo: enquanto a seis meses os salários estão atrasados, o patrão resolveu torrar dinheiro numa viagem ao exterior. Assumiram grande disposição de enfrentar a repressão: organizaram barricadas com barris de gasolina, botijões de gás e bombas caseiras, para impedir as tentativas

de desocupação da fábrica. Mostram que aprenderam com a lição da greve dos estivadores e portuários. Já é a segunda vez que a fábrica foi ocupada. No mês de setembro, ficaram dentro da empresa por oito dias e deixaram a fábrica porque a justiça burguesa determinou a reintegração de posse. O 6º Congresso dos Metalúrgicos de Campinas e Região aprovou uma resolução no sentido de "unir os trabalhadores na defesa de nossos direitos". Está na hora de colocá-la em prática. É importante apoiar a greve dos metalúrgicos da IBAF e projetá-la nacionalmente. Esse movimento está em contradição com as tendências à conciliação de classe e mesmo de trai-

ção das reivindicações operárias por parte da maior parte das direções burocráticas, direitistas (Força Sindical) ou reformistas (CUT). Há uma grande tendência das mobilizações se multiplicarem, principalmente a partir de janeiro/fevereiro, quando tudo indica que virá uma forte recessão, acompanhada de demissões e de ofensiva contra os salários, contando como referência o acordo de redução assinado na Volkswagen. Somente a unificação e radicalização das lutas contra os capitalistas e o governo podem conduzir o movimento ao enfrentamento consequente na defesa das reivindicações.

ção das reivindicações operárias por parte da maior parte das direções burocráticas, direitistas (Força Sindical) ou reformistas (CUT). Há uma grande tendência das mobilizações se multiplicarem, principalmente a partir de janeiro/fevereiro, quando tudo indica que virá uma forte recessão, acompanhada de demissões e de ofensiva contra os salários, contando como referência o acordo de redução assinado na Volkswagen. Somente a unificação e radicalização das lutas contra os capitalistas e o governo podem conduzir o movimento ao enfrentamento consequente na defesa das reivindicações.

Nacional

## Capitalismo e saúde

O diretor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), George Alleyne, esteve no Brasil a convite de organizações religiosas. Foi enfático na defesa da mercantilização da saúde. Defendeu o fim da gratuidade nos serviços de saúde. Referiu-se ao funcionamento do SUS que tem por princípio o "atendimento universal gratuito".

Apesar de saber das precariedades do SUS, não mediu palavras na defesa da estrutura empresarial da saúde. O Sr. Alleyne parte do pressuposto que cabe ao Estado assegurar apenas uma "cesta básica de serviços de saúde para toda a população, composta de consultas ambulatoriais, vacinação e programa de saneamento." (Folha de S.P) "Os procedimentos mais complexos (como transplante e cirurgias) deveriam ficar por conta da iniciativa privada,

cabendo o Estado financiar só o tratamento da população de baixa renda" (Folha)

Não faltou convicção para o diretor da OPAS defender as leis do mercado como reguladora dos serviços de saúde. À primeira vista, parece lógico que quem pode pagar e quem não pode recebe auxílio do governo. Ocorre que a medicina e o tratamento hospitalar, tomados como mercadoria (valor de troca), pressupõe lucratividade e aumento de concentração de propriedade privada. Quanto mais lucrativa se torna a atividade, mais se desenvolvem os monopólios.

Supondo, segundo a tese privatista da OPAS, que todo serviço complexo esteja nas mãos de um empresário da saúde e que o governo pagaria pelo tratamento dos que não pode pagar, teríamos o Estado financiando a lucratividade do grupos econômicos. Mas acontece que os Estados semicoloniais estão falidos, imersos em dívidas interna e externa, a exemplo do próprio Brasil, e a tendência é de se livrarem de todo serviço social. Os pobres e miseráveis que morram mais cedo. Se a burguesia não lhes asseguram sequer um emprego e um salário que possa comprar o essencial, imagine o seu Estado financiando a saúde dos pobres para enriquecer ainda mais os tubarões dos hospitais.

O problema real está no fato de

que com SUS ou sem ele a medicina já está em adiantado grau de monopolização. Com a disposição do governo se livrar ao máximo dos custos da saúde pública e com a nova regulamentação em favor das corporações privadas, nem mesmo a classe média poderá ter acesso a tais serviços, a não ser a camada mais rica. As massas empobrecidas, que formam a maioria oprimida, nunca tiveram de fato acesso à medicina mais complexa, citada pelo presidente da OPAS.

A medicina e estrutura hospitalar estão determinados pelos fabricantes de instrumentos e pela indústria química, bem como a tecnologia médica estão pelos donos de hospitais e de corporações de assistência médica. O alto custo desta estrutura está condicionada pela exploração e lucratividade. Isso explica a impossibilidade das massas terem acesso à medicina mais avançada. O capitalismo não lhes assegura sequer a medicina mais elementar.

A defesa da mercantilização da saúde é reacionária e bárbara. O POR luta pela estatização de todo sistema de saúde, sem indenização aos capitalistas expropriados, e controle deste pela população organizada. A luta pela saúde totalmente gratuita é parte da luta pelo fim do capitalismo, sem o que as massas jamais se livrariam da pobreza e de todo flagelo nascido da exploração do trabalho.

**Revista Socialismo Científico nº 6: 60 Anos da IV Internacional**

Contém o Programa de Transição, Estalinismo e Bolchevismo, Discussões de Trotsky com o SWP.

# 8 Anos do Massacre de Vila Socialista

## Companheiros Milton e Noraldino estarão sempre presentes

Em 11 de dezembro de 1990, logo após as eleições para o governo paulista, tropas da polícia Militar armaram uma verdadeira operação de guerra para desocupar a Vila Socialista. As duas mil famílias mostravam disposição de resistir ao despejo, construindo obstáculos à invasão policial. O prefeito de Diadema (o petista Zé Augusto) colaborou com a repressão, cedendo um campo para a cavalaria. Helicópteros, cães, cavalos bombas de efeito moral e de gás foram utilizados contra os sem-teto. A resistência se deu através de paus, pedras e pequenos artefatos fabricados pelos moradores.

A repressão foi brutal. Policiais perseguiram moradores por quilômetros além do local. Cerca de 40 companheiros desapareceram, dois destes, Milton e Noraldino, foram encontrados mortos. Outros companheiros tiveram suas mãos decepadas, como o então vereador e ex-militante do POR Manuel Boni que sofreu mutilação por uma granada lançada pela polícia contra os moradores. Casas foram destruídas e pertences quebrados.

Os moradores abrigaram-se em duas escolas próximas ao local por meses, até serem transferidos para alojamentos provisórios e depois de muita luta conseguirem se estabelecer em moradias construídas pelo CDHU.

A resistência da Vila Socialista teve repercussão nacional e internacional. O movimento dos sem teto teve naquela luta uma referência. Foi um divisor de águas, pois durante todo um período anterior, os sem-teto ocupavam as terras e suas direções, ligadas à igreja e ao PT, os faziam deixá-las pacificamente. Cansados de ocupar e abandonar os lugares, o movimento passou a compreender a necessidade da resistência.

O POR defendeu a luta dos sem-teto de Diadema e procurou politizá-la, mostrando que a luta por moradia está ligada à luta contra o capitalismo decadente que já não é capaz sequer de dar moradia a seus escravos. Defendemos a generalização da experiência de Vila Socialista, e a unidade do movimento popular com o movimento operário, contra o regime de exploração do trabalho.

Passados estes 8 anos, vemos que o sangue derramado não foi em vão, que os companheiros conseguiram seu objetivo de um teto para morar. Deste confronto foi formado um grande movimento pela habitação que englobou vários grupos da Região Oeste de Diadema, que, em princípio, se apoiavam na questão da ocupação com resistência, mas que paulatinamente foram sendo cooptados pela política reformista das cooperativas habitacionais. E hoje as principais lideranças dos sem-teto de Diadema

não passam de corretores de imóveis.

Existe a necessidade de recordarmos Vila Socialista como um marco na luta pela moradia, não simplesmente pela sua vitória, mas pelo seu método de ação, um método que aproxima os trabalhadores da luta por uma nova sociedade, um método que faz os trabalhadores compreenderem o que é o sistema capitalista. Enfim um método que corresponde à luta contra a barbárie de cabeça erguida

Devemos nos lembrar de Milton e Noraldino como companheiros que deram sua vida para organizar os trabalhadores contra a opressão capitalista em uma de suas formas mais cruéis, a falta de um teto. Devemos prestigiá-los colocando bem alto seus métodos de luta e o grito que sem-teto de Vila Socialista entoavam então "Nosso Sonho Pela Terra Ninguém Mata Nem Enterra".

Nacional



## Os 30 anos do Ato Institucional nº 5 (AI5)

O AI5 foi decretado em 13 de dezembro de 68, por Costa e Silva, logo após um discurso do deputado federal Márcio Moreira, considerado ofensivo à Forças Armadas. O Congresso é colocado em recesso, assim como seis Assembleias Estaduais e diversas Câmaras Municipais em todo o país. Mais de 69 parlamentares são cassados. Inclusive Carlos Lacerda articulador civil do golpe no Rio.

Seu verdadeiro intuito era golpear o movimento de massas quando este entrou em refluxo, para tomar um fôlego, após as duras lutas que travaram em 67 e início de 68 (estas se intensificaram em março de 68, quando do assassinato do secundarista Edson Luís, em uma manifestação no Rio). A burguesia se aproveitou do fato para aparentar uma força que não tinha. Significou uma confissão de desespero da corrente mais direitista da burguesia que procurava se colocar, ante a ameaça do movimento de massas, por cima das divergências que há muito se vinham acentuando no interior do governo.

A brutal repressão, que se seguiu ao AI5, paralisou toda a tentativa de rearticulação do movimento operário e estudantil. A partir deste Ato muitos jovens oriundos da pequena-burguesia ingressam nos grupos foquistas com

o objetivo de restabelecer a democracia no país. E significou também o fim do governo de Costa e Silva que foi afastado em agosto de 69, por uma mal determinada enfermidade, e seus três ministros militares impediram a posse de seu vice, o civil Pedro Aleixo, que havia se confrontado contra o AI5.

Durante a época em que o Congresso permanecia fechado, a Junta Militar que assume o governo até a posse de Médici (30/10/69), adota as penas de morte e banimento, aumentam as penas da lei de Segurança nacional e outorga uma constituição mais autoritária através da Emenda Constitucional nº1.

A burguesia em geral prefere a democracia burguesa para enganar as massas e preservar sua dominação de classe. Nos momentos em que isso não é possível, utiliza a repressão aberta e bárbara da ditadura militar. Em ambas as formas de dominação, exerce sua ditadura de classe contra a maioria explorada.

# Reforma da Previdência destrói aposentadoria especial, divide os professores e impõe os fundos privados

Edição



No dia 15 de dezembro foi aprovada definitivamente a Reforma da Previdência. O governo e a burocracia sindical espalharam por todos os cantos que, para os professores da rede pública de ensino infantil, fundamental e médio estava assegurada a aposentadoria especial, ou seja, 25 anos para as mulheres e 30 anos para os homens. E que as antigas conquistas desses educadores também seriam mantidas. As direções sindicais, que "pressionavam" via caravanas e abaixo-assinados os parlamentares, mostravam que isso se devia ao seu empenho. Dessa forma, criticavam os que denunciavam essa política e defendiam a necessidade de mobilização nacional para defender a Previdência pública e a aposentadoria especial. Agora que o governo aprovou a Reforma, há um silêncio geral. Isso porque nada foi garantido. Eis aqui algumas das mudanças:

1) Divisão dos professores em efetivos e servidores não-efetivos admitidos em caráter temporário. Os efetivos poderão ter sua aposentadoria integral e esta é disciplinada por lei ordinária. Enquanto que os contratados serão obrigatoriamente repassados para o regime geral da previdência, isto é, o INSS. O que determina que nenhum professor poderá se aposentar com o teto superior a 1200,00 reais, que após os descontos não ultrapassam 1084,00 reais;

2) A aposentadoria

proporcional foi extinta para os professores admitidos após a aprovação da Reforma;

3) Proibição de averbação para fins de aposentadoria do tempo relativo a licença-prêmio não utilizada durante sua vida funcional;

4) Imposição das regras transitórias para os professores que já estão na rede. Onde serão combinados a idade (48 anos para mulher e 53 para os homens), os 5 anos no cargo efetivo e os 30 anos de contribuição para a mulher e 35 para os homens. Instituição de um "bonus" de 20% para as mulheres e 17% para os homens. Este só será utilizado para o exercício do magistério. O que quer dizer que ninguém poderá computar esse tal "bonus" se estiver somando o tempo de contribuição em outras atividades.

5) Os professores que ingressarão após a aprovação da Reforma, estarão automaticamente nas regras permanentes da Previdência: idade 60 homens e 55 mulheres e tempo de contribuição 30 e 35 anos.

6) Criação do regime de Previdência Complementar. Ou seja, os fundos privados. Diz a lei que a adesão do servidor será voluntária.

Só por essa síntese é possível entender que não sobrou nenhuma das antigas conquistas dos educadores. Ao contrário, houve um brutal ataque sobre o conjunto dos trabalhadores e os professores não ficaram isentos. Eis aqui os ataques:

1) A divisão dos professores entre efetivos e contratados impõe à classe aposentadorias diferenciadas, embora tenham esses professores exercido as mesmas funções e trabalhado o mesmo número de horas. E o mais grave, com a demissão do professor contratado no término de cada ano letivo, este só contribuirá com os meses trabalhados. O que determina que o mesmo terá de trabalhar mais anos para poder contar os 30 e 35 anos de contribuição;

2) As regras de transição nada mais são do que mais tempo para o professor trabalhar. Se no passado, uma professora poderia se aposentar com 42 anos de idade, pois já havia trabalhado os 25 anos, agora terá de ter 48 anos. O que quer dizer que terá de permanecer mais 6 anos na ativa. O chamado "bonus" é o castigo. Isso porque todos terão de trabalhar mais

tempo para atingir as regras gerais da Previdência;

3) A aposentadoria proporcional terá um direito adquirido e que foi abolido para os que ingressarem no magistério. Da mesma forma, o direito de incluir o tempo da licença-prêmio.

4) As regras de transição, que na realidade vai significar mais trabalho, não valem para os iniciantes de 1999. Todos os professores terão de ter idade de 55 e 60 e contribuir com 30 e 35 anos para poderem se aposentar, certamente com salários inferiores aos da ativa. Se nessa condição os salários já são minguados, o que dirá da situação dos salários dos aposentados. Serão raros os professores, que trabalharam a vida toda na jornada de 40 horas, conseguirem se aposentar com a miséria dos 1200,00 reais. A maioria nem sequer se aproximará dos 1000,00 reais;

5) Como o governo quer se livrar da Previdência pública, com essa Reforma deu o primeiro grande passo. Criou a Previdência Complementar. Engana-se quem acha que se trata de um complemento e que é de livre opção do professor. Na verdade, será imposta. Pois se o governo rebaixa os proventos da aposentadoria e cria inúmeros obstáculos, o professor será empurrado a investir a vida toda nesses fundos privados para poder receber o mesmo valor de quando estava na ativa. É a mesma história dos convênios privados de saúde. Não tem como usar o público-estatal só resta a alternativa do privado. Com isso, o governo fortalece as empresas privadas em detrimento da destruição das conquistas do magistério.

As direções sindicais, que nada fizeram, só podem estar mudas. Agora, não têm como tapar o sol com a peneira. A pressão aos deputados, com as caravanas, não poderiam jamais barrar uma reforma, que vem sendo imposta a mando dos credores imperialistas. O parlamento corrupto e traidor só pode legislar a favor da política do governo. Essa via de pressão, sem nenhuma organização e mobilização grevista da classe, está mais do que provado, não serve para nada. Na realidade, serve unicamente para deixar o governo de mãos livres para impor a destruição da Previdência pública.



# Ou o movimento estudantil e universitário se levantam ou a educação pública será liquidada

No último dia 10 de dezembro, ocorreram atos públicos por todo o país, contra o corte de verbas da universidade pública e o pacote FHC/FMI.

Em São Paulo, uma manifestação na Faculdade de Direito da USP contou com mais de 100 participantes. O pequeno número deve ser relativizado, porque os estudantes estavam na maioria em férias e um grande número de entidades estudantis, de professores e funcionários participaram do ato.

Outro aspecto positivo foi o conteúdo da maioria das falas, que se colocaram pela independência do movimento em relação às frações descontentes da burguesia e pela firme defesa das reivindicações, sem rebaixá-las.

A participação de entidades estudantis de escolas particulares, que reivindicaram a unidade do movimento com as públicas foi outro avanço. Deliberou-se por um comitê estadual de defesa da educação, contra o corte de verbas e o pacote FHC/FMI.

Logo após o ato, realizou-se uma

passada pelas ruas do centro da cidade, até a Secretaria Estadual da Educação, que recebeu os estudantes com as portas e grades trancadas, e forte proteção policial.

No Rio de Janeiro, as manifestações coincidiram com a visita dos chefes de estado de países sulamericanos. A polícia recebeu os estudantes com a tropa de choque bem armada, com os escudos virados e pronta para a repressão. Os escudos virados empunhados pelos PMs da Tropa de Choque serviam como cobertura dos rostos dos policiais, pois o brasão da PM fica desenhado na parte de baixo dos escudos. Quando virados para baixo, esses escudos tapam os rostos dos policiais, que assim podem bater à vontade sem ser identificados. É como arrancar as tarjetas para reprimir sem-terra.

No conflito com os policiais, cinco estudantes foram presos e vários ficaram feridos, pelo uso de gás lacrimogênio e bombas de efeito moral.

O fato da repressão estar preparada para o enfrentamento mostra que o governo sabe que a aplicação de sua diretriz educacional levará ao

confronto com os movimentos, que serão reprimidos. É preciso estar preparado para a repressão, porque os fatos indicam que ela vai se acentuar.

Enquanto isso, prosseguem os ataques à educação. Redução do número de vagas em cursos, cortes de disciplinas oferecidas, aplicação de novos currículos adaptados ao sucateamento da universidade, aposentadoria e migração de professores da rede pública, implantação de novos estatutos, fechamento de conselhos universitários etc. configuram um quadro de completa paralisia das universidades logo no início das aulas. É preciso preparar imediatamente a mobilização, que depende de se projetar unitariamente para ganhar força suficiente ao enfrentamento com o governo/FMI.

Educação



## Rondônia:

### EM DEFESA DA DEMOCRACIA OPERÁRIA

O SINTERO organizou no dia 19/11/98 uma assembléia para a tirada de delegados que participará do Conferência da CNTE, que será realizado na cidade de Goiânia, de 13 a 17 de janeiro de 1999.

A data e os critérios para esta tirada ocorreram de modo a atender a interesses bem particulares e antidemocráticos da burocracia sindical. A questão foi facilmente perceptível, a divulgação ocorreu em apenas algumas escolas mais estratégicas para a burocracia, cujos professores e funcionários estavam comprometidos com a burocracia.

Houve uma verdadeira manipulação da Assembléia e desonestidade quanto aos critérios de escolha dos delegados.

Não houve nenhuma divulgação e campanha sistemática de esclarecimento quanto a importância da participação na Conferência Nacional, sendo escolhidas praticamente as mesmas pessoas, em sua maioria pertencentes ao corpo diretivo do sindicato e seus aliados - convidados para participarem de eventos como estes. Uns poucos funcionários das escolas e professores que se fizeram presentes tomaram conhecimento da

atividade de forma ocasional, pois não contaram com a verdadeira necessidade de divulgação das atividades do Sindicato.

A Corrente Proletária da Educação defende a urgente construção de um sindicato que se posicione efetivamente em favor dos interesses da categoria, fortalecendo a luta pela democracia operária, que vincule a luta às necessidades mais imediatas das massas, à luta pela transformação radical da sociedade, construindo o socialismo, através da revolução operário-camponesa, estabelecendo a ditadura do proletariado.

**O acordo da burocracia sindical com a Volkswagen para reduzir salários é uma traição à classe operária em geral. Porque reduz os salários dos trabalhadores e será utilizado como referência para outros acordos. Nossa resposta deve ser:**  
**GREVE COM OCUPAÇÃO DE FÁBRICA PELA ESCALA MÓVEL DE TRABALHO**

# 81 ANOS DA REVOLUÇÃO RUSSA

Mais um ano em que o Partido Operário Revolucionário resgata a lembrança do movimento mais importante na história do proletariado mundial: A Revolução Russa. No dia 7 de novembro (25 de outubro pelo antigo calendário) de 1917, os operários e camponeses marcharam em direção ao Palácio de Inverno, sede do governo, para dar início ao movimento que os levaria ao poder e, conseqüentemente, à formação do primeiro Estado Operário da humanidade. Movimento este bem arquitetado pelo partido bolchevique que atuava no seio das massas desde há muito tempo, procurando fazer aquilo que Lênin considerava a primeira luta contra a burguesia. A luta ideológica contra a burguesia.

A Revolução Russa foi o resultado da constituição do proletariado como força social dominante, que o tornou a classe dirigente. Os Soviets foram organismos de poder criados pelas massas em plena situação de revolta e levante contra o regime czarista, e se tornaram os grandes núcleos da formação conspirativa revolucionário do operariado russo, pois, ao contrário das instituições da democracia formal (burguesa), que mantém os explorados sob domínio da minoria exploradora, os soviets se constituíam a partir da democracia direta das massas.

O amplo movimento de massa, inteiramente apoiado na rede de organização soviética, é que permitiu a construção de uma sólida aliança entre operários, camponeses e soldados.

Elevando ao máximo e dando corpo e objetividade às teorias marxistas, os revolu-

cionários russos mostraram para o movimento operário internacional e sua vanguarda, o caminho que estes deveriam seguir para implementar as lutas revolucionárias em seus países, ao mesmo tempo em que mostravam a importância do internacionalismo proletário, no sentido da construção do Partido Mundial da Revolução Socialista, como a única resposta do proletariado mundial ao capitalismo.

Da mesma forma mostravam que o caminho do internacionalismo era a única forma da vigência e da vitória do proletariado, uma vez que, face a unidade capitalista mundial contrarrevolucionária, somente a unidade do proletariado e dos camponeses em nível mundial poderia fazer frente a essa ofensiva.

Dessa forma, a revolução proletária na Rússia concretizou os princípios fundamentais do programa marxista, contidos no Manifesto Comunista, demonstrando o acerto do método materialista-histórico de análise das leis de desenvolvimento do capitalismo e suas contradições, e da própria natureza da revolução.

Do ponto de vista objetivo, o levante proletário significou, de imediato: nacionalização de todas as terras, e que liquidava as relações de propriedade privada e as colocava sob livre acesso das massas camponesas como propriedade de todo o povo; controle operário da produção nas indústrias, comércio, banco, transporte, etc; nacionalização dos bancos, que foram fundidos em um único sistema estatal e centralizado; os ramos chaves da economia foram estatizados.

Ao mesmo tempo o controle operário, organizado através dos soviets, sindicatos, comitês fabris, eleito diretamente pelas massas, foi um instrumento para a ditadura proletária realizar combinadamente as tarefas democráticas, como a da revolução agrária, com medidas de caráter socialista.

Em suma, foi o primeiro movimento operário/camponês que levou a fundo as tarefas históricas do proletariado, no sentido de sua emancipação.

## A TRAIÇÃO ESTALINISTA

Com a morte de Lênin, em 1924, sobe ao poder Stálin, que consegue, formar uma burocracia traidora da revolução. Com uma deturpação e negação do marxismo, Stálin propaga a sua teoria de "socialismo em só país", negando o internacionalismo proletá-

rio. Essa teoria fez regredir as conquistas do proletariado russo, e conseqüentemente, mundial. Se a revolução não se expande em nível internacional segundo a espiral proletária, dentro dos limites nacionais começará inevitavelmente a contrair-se segundo a espiral burocrática.

As traições e deturpações do marxismo, das bandeiras de luta do leninismo/bolchevismo, à conciliação com o imperialismo e com a burguesia que a burocracia liderada por Stálin construiu foram grandes golpes às conquistas da revolução. Contra quem se colocava em oposição à sua política a burocracia stalinista passou a perseguir, prender, exilar, torturar e matar.

Nos anos 30, iniciaram os expurgos estalinistas contra os principais dirigentes do partido. Os chamados Processos de Moscou, nos quais a burocracia, centrada na figura pessoal de Stálin, passou a forjar situações que pudessem incriminar os antigos defensores da revolução. Por trás de tudo isso estava a luta de Stálin contra as posições revolucionárias/internacionalistas de Trotsky. A luta de Stálin foi a luta contra o trotskismo, contra as bandeiras da revolução, contra a luta antiimperialista, portanto foi o primeiro passo para a restauração do capitalismo naquele que foi o primeiro Estado Operário da humanidade.

A nossa defesa da Revolução é a defesa do marxismo, da ditadura do proletariado, da construção do partido operário revolucionário que possa dar as respostas às massas para a sua emancipação do jugo capitalista, que significa a miséria, a exploração, a prostituição e tantas outras mazelas que esse sistema apodrecido cria.

VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA  
VIVA O INTERNACIONALISMO  
PROLETÁRIO

PELA CONSTRUÇÃO DO PARTIDO  
MUNDIAL DA REVOLUÇÃO

Nos próximos números trataremos de uma forma mais aprofundada dos "Processos de Moscou", obra de Leon Trotsky, que nos mostra de forma bastante abrangente como a burocracia estalinista foi nefasta para o estado operário russo. Buscaremos explicar passo a passo os assassinatos de Stálin, procurando dar as respostas revolucionárias aos ataques esta burocracia desferiu sobre os revolucionários russos e, conseqüentemente à revolução.



# Experiências anteriores à Comuna de Paris

## Reproduzimos abaixo texto de convocação do curso de formação política porista em Porto Velho

Dando continuidade ao estudo da obra de Lênin: O Estado e Revolução, desta vez discutiremos acerca do 2º capítulo desta obra, que trata basicamente sobre as experiências anteriores à Comuna de Paris, que oferece subsídios para análise científica da história quanto ao papel da revolução social enquanto força destruidora do Estado.

Dentre outras questões, que constam atualidade destes escritos, Lênin discute a inexatidão da afirmativa de que "a luta de classes é o essencial da teoria Marxista, pois o próprio Marx afirmou

não ter tido o mérito de ter descoberto a existência das classes sociais na atual sociedade e da luta de classes, já que os teóricos burgueses expuseram esta questão muito antes dele".

Afirma, ainda, que tais posições fazem parte do oportunismo dos falsificadores do marxismo, que procuram assim, utilizá-lo em favor da burguesia.

Em Marx, a luta de classes está vinculada à ditadura do proletariado, tão necessária no momento atual, capaz de pôr fim aos profundos problemas que afligem a maioria da população mundial: como desemprego, miséria etc., mais agudos ainda nos países semicoloniais como o Brasil, cujo presidente FHC pri-

vatiza as estatais, os serviços públicos sobretudo de educação e saúde etc. deixando desassistidas milhares de pessoas, em obediência aos ditames do FMI (Fundo Monetário Internacional) e BM (Banco Mundial).

Para discutirmos com mais profundidade a atualidade desta obra, estamos convidando para participar do nosso curso de formação política, que acontecerá sábado, dia 5/12/98, no IHBRAS, lateral com a Escola 'Classe A' às 16 horas.

## Natal: POR comemora o aniversário da Revolução Russa

O Partido Operário Revolucionário (POR) realizou debate em comemoração à Revolução Russa.

Revolução Russa foi fruto de diversos fatores históricos, dentre eles a formação do partido revolucionário e a situação de crise aguda do capitalismo.

O Partido Bolchevique, partido revolucionário da Rússia de 1917, formou-se com base na luta ideológica contra os mencheviques ou reformistas rusos. Devido a sua disciplina, inserção nas massas e clareza da situação nacional - fornecida pela teoria marxista - o Partido Bolchevique conseguiu dirigir o proletariado para a sua primeira experiência no exercício do poder.

A situação de crise do capitalismo mundial levou os países mais fracos da cadeia imperialista ao caos econômico. Socialismo ou barbárie era um dilema real. A I Guerra Mundial e o nazi-fascismo foram expressão da barbárie capitalista.

este contexto de crise mundial, a burguesia russa se aproveita da insurreição das massas para destronar o czar do poder, através da revolução de Fevereiro. Neste momento, os mencheviques fizeram um governo de coalizão

com a burguesia, semelhante às frentes populares dos atuais reformistas. Sustentando a imaturidade do proletariado para exercer o poder, baseando-se na sua própria imaturidade, os mencheviques agiam em conjunto com a burguesia na exploração e opressão das classes oprimidas.

O Estado e a Revolução de Lênin e A Revolução Permanente de Trotsky foram obras importantes para a elucidação das leis objetivas do processo revolucionário russo. Derrotando o reformismo entre os operários, a revolução tomou marcha.

Mas apesar do esforço bolchevique, a intervenção de cerca de 70 países e a derrota do movimento revolucionário internacional, a Revolução Russa degenerou-se no estalinismo. Uma casta burocrática tomou o controle do Estado.

A burocracia não é uma classe. Não possui a propriedade dos meios de produção, por isso não é burguesia. Nem tampouco vende sua força de trabalho, por isto, não é proletariado. Os países onde houve revolução e uma casta burocrática passou para o controle do Estado nós chamamos de Estado Operário Burocratizado. É a situação de

Cuba, China e Rússia. Nestes países, é necessário uma Revolução Política, ou seja, a destituição do poder da burocracia e o restabelecimento do poder operário de base soviética.

Revolução Proletária só será uma vitória definitiva sobre a burguesia se for internacional. A teoria do "socialismo em um só país" ou o socialismo real é o pano de fundo ideológico da burocracia. O proletariado revolucionário luta pela Revolução Socialista Mundial.

Estes e outros pontos serão abordados no debate promovido pelo POR, deixando claro o quanto é importante a construção do Partido Revolucionário no Brasil e a derrota do reformismo petista ou estalinista (PCdoB).

## PROCESSOS CONTRA FERNANDO (NATAL) E TONHÃO (SÃO PAULO) SÃO OBRA DA BUROCRACIA PETISTA

O ex-diretor do SINTE e atual assessor da deputada estadual Fátima Bezerra (PT), o Sr. Manoel Araújo, está processando por calúnia e difamação o militante do PSTU Fernando Antônio. O mesmo acontece no estado de São Paulo, neste caso a condenação de Antônio Justino, o Tonhão, acusado de ferir a honra e a moral do Sr. Felício, Presidente da Associação dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP). Nos dois casos foi comprovada perseguição política. A APEOESP assim como o SMU são dirigidos pelo PT, que tanto fala em democracia para pedir votos aos trabalhadores e que denuncia a repressão do governo aos movimentos sociais mas fez o mesmo com seus opositores.

Nos colocamos contra essa atitude burocrata que não educa o movimento, pelo contrário demonstra a aliança

político-repressiva oportunista entre a justiça burguesa e os representantes sindicais petistas (nos dois estados); e esta é a política de ação dos reformistas que agem como verdadeiros agentes do Estado burguês no interior do movimento.

A Regional do Sinte em Ceará-Mirim é contra toda e qualquer ingerência de métodos estranhos à democracia sindical. Queremos que se crie uma comissão para apurar os fatos, pois defendemos a plena liberdade de pensamento, expressão, manifestação e ação.

(Reproduzido do boletim do SINTE - regional de Ceará-Mirim).

Movimento Operário



# Os problemas da população de Guarulhos só serão resolvidos com luta

Agrava-se a situação política e financeira do município de Guarulhos. A população vem sofrendo barbaridades nas mãos da prefeitura: deterioração das finanças públicas, com atrasos de pagamentos aos funcionários, destruição dos serviços sociais públicos, escândalos de corrupção etc.

As causas do agravamento desse estado de coisas está no que tem ocorrido desde 1996. A última eleição municipal apresentou uma falsa polarização em torno de duas candidaturas. De um lado estava o continuísmo de Paschoal Thomeu; de outro, a chamada "promessa de inovação" de Néfi Tales. Este contou, no 2º turno, com o apoio explícito do PT, por pertencer ao PDT de Brizola e assim ser caracterizado de "progressista".

A falsa idéia de que a candidatura de Néfi era uma resposta à candidatura oligárquica de Paschoal Thomeu levou setores sindicais, estudantes, de movimentos populares etc. a apoiarem e trabalharem ativamente pela vitória do chamado "candidato da esperança", da "renovação".

Logo após a eleição, porém, Néfi já começava a mostrar sua verdadeira opção de classe, ou seja, jogar todo o peso do aparato estatal burguês contra os movimentos populares, que pouco antes haviam lhe dado apoio por acreditarem nas suas promessas de "mudança". A repressão aos sem-teto, logo nos primeiros dias, se fez rapidamente.

O PT, envolvido em seus conflitos internos, nada fez. A pretensa "ala esquerda" petista em Guarulhos, encarnada por Edson Albertão, apoiado pelo deputado federal Ivan Valente (da

Força Socialista), chegou à Câmara Municipal de Guarulhos. Esse setor se projetou eleitoralmente, mas não conseguiu mostrar diferença em relação aos velhos conhecidos de todos, Elói Pietá (deputado estadual) e Orlando Fantazini (vereador), ligados aos setores mais "moderados" do PT (Articulação). O pseudo radicalismo se deixou levar pela bela gravata do legislativo. A tribuna da Câmara serviu como distanciador dos novos parlamentares das bases que lhes apoiavam.

## A crise leva à greve

As seguidas crises vividas no município trouxeram como resultado o aprofundamento da crise política. A gravidade da situação das finanças públicas envolveu até mesmo o assassinato de um membro do secretariado de Néfi. Os capitalistas ligados ao parasitismo em relação ao município ampliaram seus choques e disputas. Muita sujeira veio à tona: Néfi e os empreiteiros e banqueiros que o apoiavam executavam monstruosos desvios de dinheiro público. O envolvimento com o Banco Pontual, as empreiteiras, o nepotismo, assassinato, tudo isso somado ao total abandono dos serviços sociais, começou a gerar uma profunda instabilidade política. O atraso sistemático dos salários do funcionalismo foi a gota d'água que culminou em tentativas de greve geral do funcionalismo. No entanto, essas tentativas foram se fortalecendo e levaram a uma heróica greve geral do funcionalismo.

O grande problema desses movimentos foi que a todo instante a direção procurou canalizar a revolta dos grevistas para a via institucional, ou seja, limitar o movimento a um instrumento de pressão sobre o parlamento local, o judiciário ou a prefeitura. Contou para isso com o apoio do PSTU, que não deixou de ficar chamando a confiar na via judicial e legislativa.

O movimento grevista teve apoio das massas revoltadas com o estado calamitoso a que chegou o município. A greve ganhou força com grandes assembleias e passeatas. Porém, a direção do sindicato dos servidores limitou o movimento. Todas as reivindicações foram rebaixadas, conduzindo o movimento a um acordo desesperado para o pagamento dos salários atrasados.

Eis aqui um exemplo flagrante em um panfleto do movimento: "na próxima quinta-feira (17 de setembro de 1998), o TRT julgará a legalidade de nossa greve. Temos certeza de que os juízes ficarão do nosso lado (...)" Isso

mostra o legalismo da direção, que ainda alimenta ilusões nos urubus do Poder Judiciário. Essa direção frustrou a expectativa e radicalidade do funcionalismo público em greve, fez um cerco ao movimento, diluindo as possibilidades de radicalização.

## Jovino, igual a Néfi

Em setembro deste ano, Néfi Tales foi afastado da Prefeitura de Guarulhos. O juiz João Batista de Melo Paula Lima, da 1ª Vara Cível, decretou o afastamento de Néfi por fortes "suspeitas" de enriquecimento ilícito, tornando seus bens e os de vários parentes indisponíveis.

Após o afastamento de Néfi Tales, seu vice, Jovino Cândido, do PV, assumiu a prefeitura, prometendo "botar ordem na casa". Afastou os parentes de Néfi Tales e, sobretudo, prometeu "regularizar" a situação do funcionalismo, que estava em greve. A direção do movimento retrocedeu imediatamente diante da promessa de Jovino de pagar os salários atrasados, desde que a greve acabasse. PT e PSTU deram as mãos para encerrar a greve.

Em pouco tempo, Jovino mostrou que ele e Néfi eram como gêmeos univitelinos. O funcionalismo público e o povo de Guarulhos em geral estão totalmente desorientados, pois as direções dos movimentos populares ora chamam a apoiar os candidatos, ora os criticam pelas barbaridades cometidas.

## Uma oposição que se limita a pedir novas eleições

Agora, o reformismo petista se manifestou. O diretório municipal do PT decidiu, no dia 7 de novembro, que a sua diretriz política será a de oposição à administração de Jovino. Dessa reunião surgiu a palavra de ordem de "Fora Néfi, Fora Jovino, eleições já". Essa proposta foi apoiada pela esquerda petista (vereador Edson Albertão). Em seu boletim informativo (Em Movimento), de dezembro de 1998, pode-se ler: "A ausência das propostas aprovadas revelam um PT disposto a continuar na vanguarda da luta pela renovação das práticas políticas na cidade". E continua: "Compreende que as transformações radicais e necessárias no nosso município não se darão pelas mãos sujas de vergonha e de sangue das velhas raposas políticas. Aponta a necessidade de novas eleições justamente para dar ao povo uma nova chance de ocupar a cena política, desta vez não com uma farsa, mas com o Partido dos Tra-



balhadores, a única força capaz de re-  
dimir a população de anos e anos de  
humilhação e abatimento." É inques-  
tionável o oportunismo político do par-  
tido que pouco antes apoiou o  
candidato Néfi Tales com o maior oti-  
mismo do mundo. E que, agora, ao  
invés de convocar a luta pelas reivindi-  
cações populares, chama a população  
oprimida a pedir o direito de escolher  
novamente qual será o futuro "algoz",  
na terminologia do próprio petismo.  
Guarulhos vai aos poucos sucumbin-  
do, enquanto os reformistas pedem por  
novas eleições.

### Que fez o PSTU?

Em 1996, o PSTU chegou a lançar  
candidato a prefeito, Manuel Alencar.  
Meteu-se à caça de votos, deixando de  
lado os pontos que condicionam a in-  
tervenção revolucionária nas eleições  
(denúncia da democracia burguesa, de-  
fesa do programa da revolução e dita-  
dura proletárias e impulso à ação  
direta). Ainda assim não logrou êxito.  
Após as eleições, com a vitória do can-  
didato Edson Albertão (PT) para vereaa-  
dor, o PSTU iniciou uma aproximação  
com os setores ligados ao mandato des-  
se parlamentar. O PSTU orienta seus  
militantes a buscarem sempre uma  
aproximação com o PT. Em Guarulhos,  
isso só os levou a reboque de uma  
política impotente e vacilante.

Outro hábito do PSTU é ficar convo-

cando a população oprimida a confiar  
nas instituições burguesas. Afirmam  
que assim as massas vão fazer a expe-  
riência, quebrando a cara com essas  
instituições, e assim vão avançar para  
o programa revolucionário. Esse pensa-  
mento mecânico só consegue é fazer  
com que o PSTU se submeta (e a quem  
o ouve) às instituições burguesas, de-  
sarmando as massas, que têm é de  
aprender a confiar em suas próprias  
forças para resolver os problemas.

### Guarulhos, particularidade da crise nacional

O caos de Guarulhos é parte do  
aprofundamento da crise econômica e  
da aplicação das diretrizes neoliberais  
ditadas pelos organismos internacio-  
nais em benefício das multinacionais e  
do capital financeiro internacional. Os  
municípios têm seus orçamentos redu-  
zidos de um lado pelos cortes impostos  
pelo repasse de verbas do governo fede-  
ral; de outro, pelo agigantamento das  
dívidas públicas, que comem metade  
dos orçamentos. A particularidade de  
Guarulhos está em que, apesar de vizi-  
nho ao maior centro capitalista da  
América Latina, é manipulado por três  
ou quatro famílias, que mandam na  
cidade com um oligarquismo colonial,  
refletindo deformadamente o atraso ge-  
ral da burguesia brasileira.

A população não deve se iludir com  
a mudança de prefeito ou com as pos-

sibilidades (ínfimas) de novas eleições.  
Deve é manter bem alto e firme suas  
reivindicações, sem rebaixá-las; ter cla-  
reza da necessidade de combater os  
governos municipal, estadual e federal  
e seus planos de fome de conjunto;  
colocar nas ruas seu movimento de  
forma independente (nada de ficar con-  
fiando nos setores capitalistas descon-  
tentes); apostar nos  
métodos próprios dos ex-  
plorados, aos quais  
quaisquer outros estão  
subordinados.

### Tribunais Populares

Néfi Tales foi afastado  
da prefeitura, mas ja-  
mais as instituições da  
própria burguesia irão  
julgá-lo e puni-lo até o  
fim. As massas não de-  
vem confiar nas vias ins-  
titucionais, mas  
construir seus organis-  
mos próprios de luta  
para julgar e punir a bur-  
guesia corrupta: os tri-  
bunais populares,  
construídos a partir da  
escolha de repre-  
sentantes dos movimen-  
tos operário, popular e  
estudantil, eleitos em as-  
sembléias de base e su-  
bordinados a elas.

Denúncia



## Perseguição política em Guarulhos, a Articulação se utiliza da justiça para perseguir militantes

A Articulação está fazendo perseguição política contra  
uma funcionária que trabalhava na subsede da CUT de  
Guarulhos, pelo único motivo desta não pertencer a sua  
corrente e não concordar com as políticas que realizava.

No dia 13 de abril de 1998, a funcionária Yolanda foi  
despedida. Logo após o ocorrido, vários sindicalistas,  
militantes e algumas entidades fizeram um panfleto rei-  
vindicando sua readmissão.

A seguir, o atual presidente da CUT estadual, José  
Lopes Feijó, recorreu à justiça burguesa e abriu um  
processo contra vários militantes que assinaram este  
panfleto em repúdio aos desmandos de perseguição polí-  
tica que a Articulação fez.

Devemos rechaçar todo tipo de perseguição política e  
repudiar o recurso ao Estado burguês (poder judiciário)  
contra militantes do movimento.

Reproduzimos abaixo trecho do panfleto da campanha  
em defesa de Yolanda e contra a perseguição política  
encabeçada por Feijó.

### Funcionária foi demitida por Perseguição Política

Em 13 de abril de 1998, a companheira Yolanda

(ex-funcionária da Subsede da CUT em Gua-  
arulhos) foi demitida por motivos políticos. A  
decisão foi tomada em uma reunião com a  
direção estadual da CUT (Feijó, Agenor e  
Carlão) e sindicalistas de Guarulhos que  
integram a "Articulação Sindical". Tal atitu-  
de desrespeitou a posição da maioria dos  
sindicalistas da região (Guarulhos) que se  
manifestaram em solidariedade, reivindi-  
cando publicamente sua readmissão.

Em resposta, o Presidente da CUT - José  
Lopes Feijó - abriu um processo criminal,  
de acordo com cópia ao lado. Conforme  
vistas ao processo, Feijó contou com a  
colaboração de alguns sindicalistas de Gua-  
arulhos, que relacionaram nomes e endere-  
ços para a reabertura do referido  
processo. Veja no quadro baixo quem foram  
essas "testemunhas".

Sindicalistas da Articulação que estão  
arrolados como testemunhas no processo:

Almeida (FETAM), Cristiane, Graça, João  
Goleiro (sind. dos servidores públicos muni-  
cipais), Laércio Pereira (sind. da saúde).

# 50 anos da famigerada Declaração dos Direitos Humanos

A imprensa burguesa, os partidos reformistas e a burguesia em geral saudaram alegremente os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esse acordo foi realizado logo após a 2ª Guerra Mundial, negociado na chamada Organização da Nações Unidas (ONU), e é apresentada desde então como um avanço para a realização dos direitos de todos os homens pelo mundo.

Na verdade, essa declaração é uma grande mentira, uma demagogia e um instrumento de engano das massas, para preservar a dominação e exploração nacional e de classe. Os únicos direitos ali inscritos são os da burguesia exploradora.

A mentira começa quando se afirma que todos nascem iguais, quando há tanta desigualdade no mundo. Qual é a igualdade entre o recém-nascido filho de um capitalista ocidental e um africano filho de mãe faminta?

Um dos direitos fundamentais assegurados por essa carta é o direito à propriedade. Ou seja, o direito da burguesia preservar a propriedade privada dos meios de produção, que são um instrumento para a exploração da força de trabalho dos explorados.

O direito de organização só é admitido

para os chamados "fins pacíficos", ou seja, não se admite a organização revolucionária. Aliás, nem mesmo as mais elementares formas de organização das massas para a defesa de sua sobrevivência. Pelos critérios dessa carta de enganação, o MST não poderia se organizar.

Essa carta ainda permite a livre intervenção militar dos países imperialistas contra os países atrasados, como a atual agressão norte-americana ao Iraque. Os chamados campeões dos direitos humanos acabam de bombardear uma nação esgotada economicamente pelo bloqueio comercial e completamente indefesa diante da alta tecnologia militar do imperialismo.

Os direitos que os operários, camponeses e a população oprimida em geral, essa carta é uma amarra de suas correntes de escravidão. Nossa carta de direitos que reivindicamos não tem nada a ver com a carta da ONU. Não se trata de direitos "humanos" em geral, mas de direitos daqueles que produzem a riqueza mas são marginalizados de qualquer acesso a ela. Nosso grito não é de festa pela demagogia da ONU, mas deve ser a denúncia da desigualdade, da opressão de todo tipo e a defesa do direito dos oprimidos se levantarem contra seus opressores. Só haverá direitos "humanos" quando não houver mais classes sociais, fronteiras nacionais nem outras formas de opressão. Para isso, temos de passar pela revolução socialista mundial, que trabalhará pela liquidação da burguesia e de seus direitos à exploração e opressão.

Internacional

## Bolívia

### Os Opressores e Exploradores Tremem Ante o Grito de Viva o Comunismo!

"O Diário" voz jurássica da reação fez um editorial sobre a "Ressurreição da Esquerda?"

Volta a recordar a euforia explosiva com que recebeu a notícia da queda do "Muro de Berlim", considerado como "símbolo da manutenção da ideologia comunista".

O submetimento da Bolívia ao imperialismo em última instância isto é o que representa a globalização é considerado pelo diário obscurantista como um acontecimento salvador: "Finalmente ao emergir a denominada 'globalização' que, forçados pela circunstâncias, todos devemos aceitar, pareceram aumentar consideravelmente a 'foice e o martelo' que, durante longo tempo, dominaram parte do mundo. Ainda mais sabendo que a nova ideologia econômica, fundamentada na ciência e na tecnologia, era mais má que boa para povos como o nosso, que tem uma proverbial ignorância entre seus setores mais amplos, os políticos a aceitaram. Seu primeiro parto foi a 'Capitalização' que hoje nos açoita todos os dias com maus serviços e tarifas exageradas, que dão benefícios somente para seus novos donos de nossas riquezas naturais". Diplomáticamente formula que os lacaios dos gringos se beneficiam com algumas esmo-

las que lhes jogam as multinacionais: "O paradoxo surge quando o mandatário, cujos servidores obtiveram algumas facilidades com esta forma de 'capitalização', rasga suas cômodas vestiduras e reclama outra vez o voto do povo, sua primeira vítima".

"O Diário" não oculta seus temores ao descobrir que o comunismo segue existindo e atuando na Bolívia, país atrasado e convertido em feudo de Washington: "Entretanto, o comunismo em retirada se refugia nas escassas hostes do porismo, resíduo do trotskismo tresnoitado que, fora de lugar na Bolívia, recorrem os professores panceiros e os universitários de Sucre no intento de reeditar suas épocas de glória, concluídas com o assassinato de seu criador e sepultadas imediatamente depois pela história." O testemunho transcrito prova que em momento algum esteve ausente na atrasada Bolívia o marxismo-leninismo-trotskista.

A reação não pode menos que estremecer quando recebeu notícias sobre o surgimento de convulsões sociais em múltiplos países: "Na velha Europa e concretamente na Espanha, produzem o milagre da ressurreição da esquerda, apelando ao velho tema dos 'direitos humanos' (ofendidos dizem que também), em alguns lugares da América morena...Ante este inesperado sucesso que surge quando o mundo em bloco elabora a bandeira da globalização com a mão direita, escondendo na esquerda uma bandeira vermelha, este a põe ao alto ..."

(Extraído do Masas Boliviano nº 1642 de 13/11/98)



# O capitalismo em crise destrói postos de trabalho no mundo todo

Cada vez que uma multinacional realiza um "planejamento" anuncia demissões em massa. A portentosa fábrica, RJR Nabisco, de cigarros dos Estados Unidos e de biscoitos, anunciou a meta de demissão de 4260 trabalhadores. A Boeing pretende eliminar 48000 postos de trabalho. No sistema bancário, o Citybank (Citygroup) tem por meta cortar 6%, o que significa 10400 trabalhadores na rua. Nessa mesma linha de cortes anunciados estão a Ericsson (10000), Johnson & Johnson (4100), MCI World (2500), Mitsubishi (3600), Exxon/Mobil (9000) e Volvo (5300). Esses são apenas alguns dos indicadores publicados nessa primeira quinzena de dezembro.

Nos Estados Unidos, já se faz a previsão de 625000 postos de trabalho que serão fechados em 1999. As quedas nas vendas das grandes empresas norte-americanas estão indicando o fim de um ciclo de crescimento nesse país. Os trabalhadores norte-americanos vão amargar desemprego em massa, como no restante do mundo.

Na Europa, entre 1990-1994, 4 milhões e 600 mil empregos foram eliminados. Mesmo com a recuperação de 1 milhão e 700 mil postos de trabalho, a taxa de

desemprego continua alta (9,8%), tendendo a crescer.

Nos países capitalistas atrasados (semicoloniais), o desemprego tem crescido assombrosamente. Como se pode ver, a liquidação maciça de postos de trabalho não se dá isoladamente em um ou outro país. Trata-se de um fenômeno generalizado. Isso quer dizer que o capitalismo se desintegra em nível mundial e descarrega sua crise histórica sobre os assalariados, cortando-lhes a fonte de existência.

A burocracia sindical tem colaborado para que os capitalistas tenham liberdade para demitir. Vem capitulando diante da tal "flexibilização do trabalho". O POR, ao contrário, defende junto aos sindicatos e aos trabalhadores a bandeira da escala móvel das horas de trabalho, a união entre empregados e desempregados e a greve com ocupação de fábrica. Essa linha de resistência ao desemprego é parte do programa da revolução e ditadura proletárias.

Internacional

## Obras Completas de G. Lora

Sintetizam a luta e trajetória do POR boliviano em defesa de seu programa. Disponível até o volume 35. Publicamos abaixo resumo de alguns volumes.

### Volume XII (1962)

Neste tomo se faz toda uma luta quanto ao plano de privatização das minas do MNR, o chamado Plano Triangular; discute-se também a Unidade Trotskista, mostrando que esta só é possível sobre a base programática, criticando as correntes que se submeteram ao lechimismo (nacionalismo de esquerda) e as que não entendem as tarefas a serem desenvolvidas numa semicolônia. Comenta-se o problema dos Tribunais Populares, única arma contra a corrupção burguesa que se apodera de todo o Estado inclusive o Judiciário. Outro aspecto importante do volume é a discussão sobre o desenvolvimento do estalinismo e as relações Rússia, China, Albânia, Cuba. Achemos também uma matéria sobre o XXII aniversário do assassinato de Trotsky e outro sobre os 24 anos da IV Internacional.

Neste volume está transcrito o importante livreto "Rumo ao Governo Operário e Camponês (Ditadura do Proletariado)" que mostra a diferença entre o que será o governo do proletariado e

o governo nacionalista.

### Volume XIII (1963)

Neste tomo estão transcritos alguns importantes folhetos como :

a) "O que seria o governo Paz-Barrientos", que faz uma análise de como os setores de centro e direita ganham força no MNR para implementar o plano imperialista;

b) "As Guerrilhas e Foquismo", comenta os aspectos importantes e as diferenças entre o método guerrilheiro, uma das formas de luta que as massas dispõem para enfrentar a burguesia, e o foquismo, onde um grupo bem treinado tenta ocupar o papel das massas no processo revolucionário;

c) "Elementos de Marxismo", importante obra que comenta o que é o marxismo nas visões de Plekanov, Lenin e Trotsky, mostra em sua 2ª parte o que é materialismo, dialética (Unidade e luta dos contrários, transformação da quantidade em qualidade, negação da negação), a teoria do conhecimento, sua doutrina econômica, a teoria da revolução

permanente, além de uma extensa relação de notas bibliográficas de vários autores socialistas e um plano de leituras.

### Volume XIV (1963 - 64)

Neste volume são apresentadas as Teses do Congresso Mineiro de Colquiri (dezembro de 63), onde mais uma vez os mineiros reafirmam a essência de Pulacayo ao defenderem as teses trotskistas para o Congresso, que refletiam o ascenso do momento.

Outro importante livro transcrito é "A Revolução Boliviana (Análise Crítica)". Neste é feito todo um retrospecto da experiência boliviana com o nacionalismo em todas as suas variantes, de como inicialmente o programa porista foi confundido com o nacionalismo, de como o nacionalismo pode utilizar das bandeiras revolucionárias para transformá-las no seu oposto (nacionalização das minas, controle operário, planificação da economia, reforma agrária). Analisa os erros do POR neste período e os meios de superá-los.



# Com o Iraque e contra o imperialismo genocida

O imperialismo se caracteriza por subjugar a maioria das nações oprimidas. Não bastando o bloqueio econômico, a constituição de uma zona de intervenção militar e a imposição para que o Iraque permitisse agentes

da ONU mapearem a estrutura militar do Iraque, os Estados Unidos e Inglaterra acabam de desfechar uma onda de bombardeios sobre este país. A prepotência do imperialismo contra um país com pequena capacidade de reação e economicamente destruído pelo cerco internacional do capital não tem limites.

Estava e está evidente que a exigência das potências para que o Iraque eliminasse armas químicas e nucleares não passou de um pretexto para se retornar à guerra.

O governo norte-americano tem desenvolvido uma ofensiva para ampliar seu controle sobre a região do Oriente Médio, e conseqüentemente, sobre a produção e comercialização de petróleo. A visita de Clinton à Palestina na véspera do ataque faz parte dessa mesma ofensiva. O chamado processo de paz na Palestina é a imposição do enclave imperialista (Israel) no Oriente Médio. Não há contradição alguma entre a "paz" na Palestina e os bombardeios a Bagdá: ambos expressam a ofensiva reacionária imperialista.

Os Estados Unidos avaliaram que foi um erro o governo George Bush não ter invadido o Iraque na guerra de 1991. Concluiu-se que foi um fracasso a previsão de que o governo de Saddam Hussein cairia após a derrota. Desde então os Estados Unidos passaram a arquitetar a queda do governo do Iraque, inclusive financiando

uma oposição no exílio. Não é de toda absurda a hipótese de que se planejou o assassinato do presidente do Iraque.

Com o embargo comercial, esperava-se que a quebra econômica e a miséria das massas acabariam por fermentar uma situação de derrubada do governo. Nesse processo, apertou-se o cerco militar na chamada zona de exclusão. Todas essas medidas constituíram uma flagrante violação da soberania nacional do Iraque. A própria exigência de que este país não poderia ter armas químicas e nucleares é típica da imposição totalitária das potências imperialistas sobre os países oprimidos, atrasados, semicoloniais.

O imperialismo é a fase do capitalismo na forma monopolista e de domínio financeiro do mundo. Também é a fase de decomposição econômica e social, de guerras e toda sorte de barbárie. As 7 potências têm dividido o mundo entre si e não toleram que nenhum país oprimido se levante contra a opressão nacional.

O Oriente Médio é uma região rica em petróleo e, portanto, estrategicamente decisiva para os interesses do imperialismo. O Iraque, ao invadir o Kuwait (agosto de 1990), que é um protetorado das empresas multinacionais petrolíferas, desafiou as potências. O fato do Iraque ter enfrentado a força bélica do conjunto imperialismo, onde a maioria das nações dessa região do Oriente se acha sob governos subservientes, cometeu um pecado imperdoável e que, por isso, teria de ser esmagado militarmente.

Os mísseis despejados sobre o Iraque indefeso mostram muito bem quem é que possui armamentos capazes de destruir o mundo. Quanto mais desarmados e submissos forem os países atrasados, melhor será para o imperialismo impor suas condições de saque mundial.

Esse prepotente e covarde ataque ao Iraque não se constitui em fato isolado. O imperialismo vem constantemente atuando por todas as partes. Sua indústria armamentista necessita dos conflitos bélicos para desovar montanhas de armamentos.

A máscara hipócrita da paz da ONU caiu em várias situações de intervencionismo ditado pelos Estados Unidos. Mais uma vez cai, agora a ONU serviu de máscara para a preparação da operação bélica americana-inglesa contra o Iraque.

Finalmente, os Estados Unidos e Inglaterra simplesmente ignoraram o Conselho de Segurança da ONU, tendo por argumento que o governo ira-

quiano não respeitou a inspeção de suas dependências militares. A discordância da França, Rússia e China com o ataque não passou de diplomacia barata, pois não moveram uma palha para se contrapor aos ataques anglo-americanos. Na América Latina, os governos pró-imperialistas se calam ou prestam apoio aberto à barbárie imperialista, comprovando sua submissão e impotência. Os partidos que se dizem democráticos se curvaram na guerra de 1991 e agora voltam ao mesmo gesto.

Os trabalhadores e a juventude do mundo inteiro devem começar a entender que o domínio imperialista se dá sob a base do intervencionismo militar das potências, quando seus interesses econômicos são ameaçados pela rebelião de qualquer país semicolonial.

A guerra contra o Iraque ocorre numa situação de desenvolvimento da crise econômica mundial e, em particular, em meio a uma crise política no interior do Estado norte-americano. As potências que querem um Iraque totalmente de joelhos são as mesmas que obrigam os países semicoloniais a aplicar violentos planos de desemprego e miséria, voltados a aumentar a sua sangria.

O capitalismo putrefato produz a barbárie. O bombardeio com sofisticadas armas contra o Iraque é a face mais acabada dessa barbárie, que ainda se manifesta em forma de miniatura. A partir dessa realidade, devemos prever um futuro muito mais catastrófico, se o proletariado e demais explorados não se organizarem como uma força capaz de combater a burguesia mundial e imperialista. É dever de todo trabalhador e da juventude estudantil sair às ruas numa frente única antiimperialista em defesa do Iraque e contra o imperialismo.

Pela suspensão imediata dos ataques ao Iraque!

Pelo reparo de toda destruição econômica provocada pelas potências desde a guerra de 1990, incluindo as perdas com o bloqueio econômico!

Pela suspensão imediata da zona de exclusão e o bloqueio internacional!

Em defesa da soberania dos países semicoloniais!

Pelo direito irrestrito dos países semicoloniais de se armarem!

Em defesa do governo Saddam Hussein contra o objetivo político do imperialismo de destruí-lo (somente o povo iraquiano pode removê-lo pela via revolucionária!)

Pela unidade da classe operária mundial contra a burguesia imperialista e seus governos!

Internacional

